A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS NA SALA DE AULA DE LÍNGUAS

Maria Luiza Teixeira Batista[1]

Resumo: neste trabalho apresentaremos uma reflexão sobre a importância da leitura literária nas aulas de línguas, em especial, nas aulas de línguas estrangeiras. Tentaremos mostrar que essa leitura é fundamental tanto para aperfeiçoar a capacidade leitora do aluno, como também para desenvolver seu sentido crítico. Buscaremos ainda mostrar que é possível trabalhar com literatura na sala de aula, focando seus aspectos socializantes e *humanizadores*, ao incentivar uma leitura que contribua para o desenvolvimento intelectual e afetivo do aluno, uma leitura que amplie seu conhecimento, que lhe permita expressar sua opinião sobre o texto lido e que, ao mesmo tempo, provoque uma reflexão sobre a vida, sobre o outro e sobre si mesmo.
Palavras-chave: Leitura; Ensino; Literatura.

Resumen: en este trabajo presentaremos una reflexión sobre la importancia de la lectura literaria en las clases de lenguas, en especial, en las de lenguas extranjeras.

1. Doutora em Literatura Hispano-Americana pela Universidad de Buenos Aires. Professora de Literatura Hispano-Americana do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas na Universidade Federal da Paraíba. Endereço Eletrônico: luizabatista.ufpb@gmail.com

Intentaremos demostrar que esta lectura es fundamental tanto para mejorar la capacidad de lectura del alumno, como para desarrollar su sentido crítico. Buscaremos también demostrar que es posible trabajar con literatura en el aula, focalizando sus aspectos socializantes y *humanizadores*, al estimular una lectura que contribuya para el desarrollo intelectual y afectivo del alumno, una lectura que amplíe su conocimiento, que permita que este exprese su opinión sobre el texto leído y que, al mismo tiempo, provoque una reflexión sobre la vida, el otro y sí mismo.
Palabras clave: Lectura; Enseñanza; Literatura.

1 Introdução

Los textos literarios enseñan a pensar sólo con palabras, permiten elaborar un modelo mental del mundo más rico y un vocabulario con el cual hablar sobre ello.

María Cristina Chiama de Jones

A Literatura é incompatível com o ensino tradicional, imposto, escolar.Ela implica liberdade, criatividade, prazer; leva-nos, portanto, a pensar num ensino aberto, não como transmissão de conhecimento, mas como oportunidade de descoberta pelo aluno dos métodos, dos livros, da sua própria identidade.

Ligia Chiappini Leite

Para falar sobre a importância da inclusão do texto literário na aula de línguas estrangeiras é necessário, em primeiro lugar, avaliar o papel do ensino de literatura no Curso de Graduação em Letras – Línguas Estrangeiras. É necessário também discutir se a metodologia utilizada nas disciplinas de literatura é satisfatória, uma vez que é comum escutar queixas dos alunos que questionam a validade de se estudar literatura em um curso que forma professores de línguas estrangeiras e que, portanto, não ensinarão as matérias de literatura nas escolas.

Considerando os questionamentos dos alunos e, ao mesmo tempo, tentando defender a importância de um ensino de literatura no Curso de Letras, fomos movidos a avaliar as razões pelas quais muitos deles se posicionam dessa forma. Percebemos, através dos seus depoimentos, que muitos dos nossos alunos não conseguem enxergar um vínculo claro entre as disciplinas de literatura com a prática docente; outros questionam o que a literatura ensina; e ainda há aqueles que afirmam que as aulas de literatura são muito *teóricas* e o discurso está centrado no professor o que torna a aula desestimulante, já que o aluno é, nesse cenário, um mero receptor da leitura do professor. Apesar dos posicionamentos revelarem um descompasso no que diz respeito à teoria e a prática, encontramos também alunos que têm uma concepção diferente da literatura e reconhecem sua importância no Curso de Letras, já que entendem a literatura como uma forma de conhecimento que auxilia na compreensão

da cultura e do modo de pensar do outro, portanto, essencial para a aprendizagem de uma língua estrangeira.

Talvez a raiz do sentimento de desconfiança com relação ao que a literatura ensina esteja centrada na relação que o aluno teve com a literatura na escola e no modelo de leitura que ele traz na memória, uma leitura muitas vezes vista como uma obrigação, uma tarefa a ser cumprida. É certo que a escola tem um papel importante na formação de leitores, já que é o lugar onde os alunos estão em permanente contato com livros de literatura; porém, essa matéria é estudada unicamente na sala de aula e, por causa do rigor no cumprimento dos programas, este tipo de estudo acaba deixando de lado uma das funções principais da literatura: desenvolver a capacidade de imaginação. Não pretendemos com isto criticar a metodologia utilizada pelos professores de língua e literatura do ensino fundamental e médio, nem tampouco desautorizar o trabalho do professor, pois acreditamos que eles fazem o melhor que podem dentro do sistema educacional em que estão inseridos. Porém, analisar esse panorama nos ajudou a entender os motivos pelos quais nossos alunos expõem as inquietudes e críticas descritas no início deste texto.

Na tentativa de reverter o quadro aqui exposto, acreditamos ser necessário fazer uma reflexão sobre o nosso trabalho como professores de literatura. Devemos analisar cuidadosamente a relação entre a literatura e o ensino para mostrar que o estudo

de literatura é fundamental não só para a formação do docente de línguas estrangeiras, como também para a sua formação como cidadão consciente do seu papel na sociedade, tendo em vista que a literatura ajuda a ampliar o conhecimento de mundo e desenvolver a capacidade de refletir sobre a vida e sobre a condição humana.

Aqui ressaltamos o papel humanizador da literatura exposto por Antonio Candido (2004, p. 175), quem também defende a literatura como um poderoso instrumento de instrução e educação, porém um tipo de instrução não mensurável de acordo com os padrões convencionais, já que, nas palavras do escritor, "[...] ela não *corrompe* nem *edifica*, (...); mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque nos faz viver [...]" (CANDIDO, op. cit., p. 176). Esse estudioso ainda ressalta que a literatura nos transmite um conhecimento que opera em dois níveis. O primeiro, de ordem subjetiva, suscita um sentimento no leitor; o outro, de caráter mais objetivo, exige uma tomada de posição, já que ao tentar entender o que o texto pretende transmitir, o leitor, ainda que inconscientemente, forma sua opinião sobre o que leu. Por esse motivo, podemos dizer que a literatura contribui para o nosso desenvolvimento intelectual e emocional, pois ela promove uma reflexão e um diálogo e nos permite viver "dialeticamente os problemas" (CANDIDO, op. cit., p. 175).

Como professores de literatura, devemos também tentar desmitificar o conceito de que a leitura e o estudo do texto literário é "chato", que não serve para nada, que não ensina nada e que não nos diz nada. E mostrar para nossos alunos que a literatura nos ensina mais do que imaginamos, visto que é no texto literário onde eles, nossos alunos, poderão entrar em contato com a cultura, com a história, com a ideologia, com as formas de expressão dos povos que falam o idioma que eles lecionarão. Todo esse conjunto de saberes é essencial para sua prática docente. Além do mais, devemos mostrar para nossos alunos que o texto literário é um excelente material para ser levado à sala de aula como recurso didático, pois pode ser muito gratificante trabalhar com literatura na aula de línguas estrangeiras.

2 O que a literatura ensina

Considerando as dúvidas dos alunos de Letras que questionam a função do texto literário na aula de línguas estrangeiras, fomos levados a refletir sobre qual metodologia deveria ser utilizada para trabalhar com esse tipo de texto. Para analisar essa questão partimos do livro de Ligia Chiappini Leite (1983), *Invasão da Catedral. Literatura e ensino em debate*, que, apesar de ter sido publicado há décadas e de discutir sobre o ensino de literatura no sistema escolar brasileiro, suas considerações

continuam vigentes até os dias atuais e por isso podemos aplicá-las tanto no contexto da sala de aula nas escolas, como na aula de literatura no ensino superior.

Nesse livro, a professora afirma que não há uma fórmula mágica que ensine como ensinar literatura, mas isso não significa que não possamos esboçar sugestões que nos auxiliem a ler textos literários em sala de aula de maneira mais agradável e eficiente. A própria professora elabora sua sugestão ao defender o resgate do valor lúdico da leitura de obras literárias. Resgatar esse valor implica em abandonar os métodos de leitura tradicional, buscando trazer de volta o sentido da imaginação e criatividade, pois, de acordo com Chiappini Leite, "[...] reconquistar o prazer da leitura [é] condição primária para o sucesso de qualquer trabalho num curso de Literatura" (LEITE, 1983, p. 32). Ao tentar despertar o prazer da leitura, a pesquisadora propõe uma metodologia em que a participação criativa e afetiva dos alunos seja o objetivo principal. Para ela, é essencial que o livro deixe de ser um objeto sagrado, guardado no altar de uma catedral, um monumento que é posto na sala de aula para mera observação e admiração. Pelo contrário, o livro deve sair desse lugar e passar de mão em mão, deve ser lido e relido.

Ainda segundo ela, o professor que enxerga o texto literário como um convite à participação criativa e afetiva acaba desconfiando da didática tradicional, aquela na qual o aluno preenche as lacunas, busca informação no texto ou responde

perguntas de acordo com o texto, perguntas que às vezes não exigem nenhum esforço e cujas respostas são memorizadas; ou aquela que aborda o texto literário como pretexto para ensinar outra coisa, como gramática, vocabulário, etc. Então, o professor que recusa usar esses métodos, termina buscando, ou inventando, uma nova maneira de empregar o texto na sala de aula, uma maneira na qual os alunos são convidados a participar da construção do conhecimento.

É certo que não há uma fórmula mágica que ensine como ensinar com literatura e muitas das técnicas que encontramos acabam desconsiderando o que o texto literário tem de mais rico: o poder de provocar reflexão e de gerar discussão. É nesse sentido que encontramos as críticas de Marisa Lajolo (2000) que não poupa palavras para dizer que "[...] técnicas milagrosas para convívio harmonioso com o texto não existem" (LAJOLO, 2000, p. 14). Em sua opinião, as atividades consideradas "motivadoras da leitura" propostas pelos manuais escolares são uma fantasiosa fórmula mágica para manter a aula sob controle. Tais atividades dão apenas uma falsa segurança que se está "ensinando" quando na realidade seu propósito é tentar chamar a atenção do aluno para a leitura; ela afirma também que estas mesmas atividades acabam desfigurando o texto literário, uma vez que "[...] anulam a ambigüidade, o meio-tom, a conotação – sutis demais para uma pedagogia do texto que consome técnicas

de interpretação como se consomem pipocas e refrigerantes" (LAJOLO, op. cit., p. 16).

Não podemos desconsiderar a importância de aproximar o aluno do texto literário, motivando-o a ler e desfrutar do que leu, mas entendemos que a crítica da professora está relacionada com uma leitura centrada apenas nessas técnicas de motivação e que não parta para algo mais amplo e mais complexo. Na sua visão, não se deve descartar certos aspectos presentes no texto, tais como: considerar o contexto na qual a obra foi produzida, ressaltando este contexto como o retrato de uma época que o leitor pode ter acesso através da leitura, considerar a relação dialógica entre o texto lido com outros produzidos a partir dele (textos literários e não literários), e considerar a relação entre o texto e o cotidiano do aluno/leitor, suas vivências, suas dúvidas, sua forma de entender e interpretar o texto lido.

As críticas de Lajolo (op. cit.) se estendem também ao professor, em sua opinião, os alunos não leem porque o professor também não lê. E, portanto, acaba aceitando a proposta do manual ou livro didático que muitas vezes traz atividades de "interpretação controlada", isto é, uma interpretação que descarta a relação dialógica que citamos anteriormente. Claro que podemos facilmente justificar a falta de leitura do professor e a sua escolha pela sugestão do manual. Em muitos casos, isso se deve a sua jornada de trabalho, longa e estressante e ao sistema

educacional da qual faz parte, já que sabemos que ele tem um programa a cumprir que será cobrado no final do período. No entanto, acreditamos que o professor não deve se deixar abater por essa situação e a única maneira de superá-la é retomando o controle na preparação das suas aulas, escolhendo o texto a ser lido, descartando a sugestão do manual e decidindo o que fazer com o conto, romance, poesia, etc., que leva para sua sala.

Sabemos que, além de atividades que motivem a leitura, devemos pensar no texto como um provocador de discussão. Paulo Freire (1982) ensinava que "[...] a leitura do mundo precede a da palavra" (FREIRE, op. cit., p. 2) e, portanto, ao ler, o leitor busca atribuir sentido ao que está lendo, levando para dentro do texto parte de seu mundo, apropriando-se e, ao mesmo tempo, transformando a palavra escrita. Nesse sentido, podemos dizer que existe um diálogo único e misterioso entre o leitor e o texto.

Ao contextualizar essa leitura à literatura, podemos afirmar que este diálogo misterioso faz com que o leitor consiga ingressar no universo mágico que se revela nas páginas de um romance, conto ou poesia. Porém, este diálogo não se resume em colocar o leitor diante da fantasia, ele vai mais além quando lhe dá oportunidade de tomar uma posição, de refletir sobre a vida e sobre o outro. Isso é o que Regina Zilberman (2008) denomina como efeito duplo provocado pela leitura do texto literário:

> (...) a literatura provoca no leitor um efeito duplo: aciona sua fantasia, colocando frente a frente dois imaginários e dois tipos de vivência interior; mas suscita um posicionamento intelectual, uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastado no tempo ou diferenciado enquanto invenção, produz uma modalidade de reconhecimento em quem lê. Nesse sentido, o texto literário introduz um universo que, por mais distanciado da rotina, leva o leitor a refletir sobre seu cotidiano e a incorporar novas experiências. (ZILBERMAN, 2008, p. 53).

Considerando essas palavras, vemos então que o diálogo que existe entre leitor e texto adquire um sentido mais amplo, já que é no texto literário que o leitor estabelece um diálogo consigo mesmo, é o lugar onde busca sentido para sua vida e para o mundo ao seu redor.

Aqui voltamos a ressaltar a importância da leitura do texto literário no contexto da sala de aula, uma vez que, se consideramos o efeito duplo exposto por Zilberman (op. cit.), fica claro que esta leitura pode, por um lado, despertar a curiosidade do aluno/leitor, tocar sua sensibilidade e fazê-lo sonhar, e por outro serve para fazê-lo *pensar*, abrindo a porta do seu mundo para o mundo do outro. A leitura do texto literário, assim entendida, é como uma forma de *abertura*, visto que proporciona ao aluno perceber novos mundos, permite que

ele entre em contato com outras realidades e culturas diferentes da sua, e o obriga a descobrir os sentidos ocultos que estão por trás das palavras e a tomar posições.

3 O lugar do texto literário na sala de aula de línguas estrangeiras

Na tentativa de preencher a lacuna que existe entre a teoria e a prática no ensino de literatura no Curso de Graduação em Letras que, aos olhos dos alunos, não deixa claro o que a literatura ensina e para que se ensina literatura em um curso de licenciatura que forma professores de línguas estrangeiras, nos aventuramos a esboçar uma sugestão de leitura que usa o texto literário como matéria-prima para ensinar língua.

No entanto, antes de esboçar qualquer sugestão é necessário avaliarmos o lugar que ocupa o texto literário na sala de aula de línguas estrangeiras. Para muitos, este é considerado secundário, porque quase não se lê literatura na aula de língua. Isto talvez se deva ao fato de não ser fácil ler literatura com alunos que ainda não conseguem entender bem a língua estrangeira que estão estudando. Então, o texto literário acaba sendo esquecido e seu lugar ocupado por outras atividades.

Outro fator que não podemos descartar diz respeito ao trabalho do professor que deve seguir um programa extenso e, portanto, não tem tempo para dedicar à leitura literária, já que

este tipo de atividade requer uma porção considerável dos seus minutos de aula. Ainda focando o professor, muitos não utilizam textos literários por desconhecer as metodologias adequadas para a sua inclusão na sua aula. Nesse ponto, reconhecemos que existe uma falha nos programas do Curso de Letras quando apresentam as disciplinas de literatura desvinculadas das práticas pedagógicas e por isso não prepara o aluno para que possa utilizar o texto literário como um recurso para ensinar língua. Esta falta de preparação acaba se refletindo na sala de aula com o desaparecimento da leitura literária ou com a aceitação das atividades propostas nos manuais e livros didáticos.

Avaliando a presença de textos literários nos livros e manuais de línguas estrangeiras (principalmente os de língua espanhola que são aqueles que estudamos mais detalhadamente), observamos que muitos deles trazem pequenos poemas ou fragmentos de narrativas mais longas como atividades complementárias ao assunto abordado em cada lição ou unidade. Em outros casos, estes textos aparecem como forma de ilustrar algum aspecto cultural dos países que falam o idioma estrangeiro em questão. Muitas vezes os textos vêm acompanhados de exercícios do tipo pergunta/resposta onde se exploram o vocabulário, a gramática ou a estrutura formal da língua, porém sem nenhuma, ou quase nenhuma, interpretação ou julgamento crítico por parte do aluno/leitor. Percebemos que, embora se esboce uma leitura interpretativa, ainda se desconsidera os

sentidos e as complexidades que encontramos na leitura de um texto literário. Ao apontar estas possíveis falhas, não pretendemos investir contra os autores e editores de livros e manuais. Nossa intenção é abrir espaço para a discussão e instigar o professor a refletir sobre como a leitura literária é abordada no material didático que utiliza.

Continuando com nossa exposição, voltamos ainda à figura do professor e destacamos aqui sua importância na sala de aula, para tanto avaliemos um exemplo: o caso de uma escritora de literatura cujos textos costumam ser lidos nas salas de aula. Conta a escritora, Andrea Ferrari (2008), que ao entrar em contato com seus leitores, estudantes das escolas que adotam seus livros como material de leitura, percebe que muitos deles leem rápido para cumprir com uma tarefa, tal como afirma no seguinte fragmento:

> En general uno puede percibir cómo se han involucrado los chicos con el texto: algunas veces – por suerte, no la mayoría – es claro que, más allá de uno o dos que se han sumergido de verdad en el libro, la mayoría lo ha leído rápido, con el único objetivo de contestar las diez o doce preguntas que le harían en la evaluación, encontrar un listado de adverbios de modo o reconocer los objetos directos. (FERRARI, op. cit., p. 13).

Ela também observa que há alunos que conseguem ler de outra forma, com mais entusiasmo e atenção, portanto, alcançam desfrutar mais da leitura e entender melhor os significados que o texto carrega. A escritora conclui que o papel do professor é fundamental nesse processo, sua atitude diante do texto literário é absorvida pelos alunos, por isso diz que:

> "[...] detrás de este tipo de chicos uno encuentra a un docente también entusiasmado con el proyecto de lectura. (...). Sin Duda, los alumnos ponen lo suyo. Estoy convencida, sin embargo, de que la elección de la obra, la manera de abordarla, y la posibilidad de que el docente contagie su entusiasmo por un texto literario tendrán un rol fundamental en el futuro de la relación ente esos chicos y los libros." (FERRARI, op. cit., p. 13)

No depoimento da escritora fica claro que o professor é peça chave no processo de leitura de literatura, por isso devemos investir na sua formação, mostrando que é possível ler literatura na sala de aula de línguas estrangeiras, porque, além de ser muito divertido, pode ser muito instrutivo.

4 Uma proposta de leitura

Como dissemos antes, não é impossível colocar a leitura do texto literário em uma posição privilegiada na sala de aula de

línguas estrangeiras e aqui começamos a esboçar uma proposta de leitura que pode servir para nos ajudar a pensar no ensino de língua que tenha como um dos suportes o texto literário.

Em primeiro lugar, devemos aceitar a sugestão de Ligia Chiappini Leite (op. cit), resgatando a função lúdica da leitura literária e tentando despertar no aluno o gosto e o prazer pela leitura. É certo que a leitura imposta afasta o aluno/leitor do livro ao invés de aproximá-lo, causando desmotivação e desinteresse pela matéria abordada. Por esse motivo, acreditamos que resgatar a função lúdica é o primeiro passo para tornar a aula uma prática agradável, mesmo porque concordamos com Beth Brait (2010) quando afirma que o prazer da leitura vem antes do conhecimento que a literatura proporciona: "[...] a leitura é antes um ato prazeroso, sendo o conhecimento uma consequência que estabelece a ligação entre os livros e a vida. Sem essa ligação primeira entre o livro e o indivíduo, as demais estratégias se tornam artificiais, destituindo a leitura de seus verdadeiros valores" (BRAIT, 2010, p. 114).

Aqui surge uma pergunta: como despertar o interesse do aluno pela leitura de um texto literário? Certamente este é um trabalho difícil, mas pode ser alcançado dependendo da maneira como a leitura foi conduzida e esta maneira se opõe ao método que descrevemos antes, aquela em que o texto é usado para responder questionários ou para buscar certas informações relacionadas à gramática ou vocabulário. Este modelo de leitura

coloca o aluno/leitor em uma posição passiva, já que não lhe dá oportunidade de dialogar com o texto lido. Este tipo de leitura não desenvolve seu senso crítico, não o faz refletir, expressar seu pensamento, opinião, sentimento, não abre a porta do seu mundo para o mundo do outro.

Temos que buscar um modelo de leitura que seja criativa e crítica ao mesmo tempo. Uma leitura criativa é aquela cujo objetivo seria sensibilizar o aluno, para que ele possa desfrutar da leitura e ingressar no universo mágico que está nas páginas da literatura. E uma leitura crítica diz respeito àquela em que são explorados os sentidos do texto, uma leitura em que o aluno/leitor deixa de ser um consumidor passivo da palavra escrita, aquele que absorve a leitura de outro, para ser um participante, pesquisador e construtor do seu saber (cf. LEITE, op. cit., p. 76). Considerando esse ponto de vista, devemos pensar na leitura como um convite ao diálogo, como um meio de socialização e de troca, dessa forma, cada um contribui com o seu saber para a construção dos significados do texto. E assim podemos promover uma melhor interação entre os alunos e entre os alunos e o professor.

Trabalhar com literatura dessa forma pode ser um excelente recurso para desenvolver a oralidade em uma classe de língua estrangeira de forma mais fluida e mais eficaz. A leitura como diálogo gera a necessidade de partilhar com o outro as nossas impressões sobre o que lemos e de, nas palavras de Rildo Cosson,

(2007) "[...] transformar em palavras aquilo que foi provocado por palavras" (COSSON, op. cit., p. 28). Acreditamos que, ao adotarmos esse tipo de leitura, no final da atividade, os alunos podem até dizer que não gostaram do texto, mas o que é certo é que algum posicionamento eles tiveram diante do que leram.

É importante ressaltar que a leitura que aqui descrevemos coloca o professor em um lugar diferente daquele cuja função é transmitir um conhecimento. Seu papel é outro, ele deixa de ser a figura central na sala de aula e passa a ser um mediador: aquele que coordena a discussão e que auxilia seus alunos a encontrar relações entre as informações que vão surgindo. Ao deixar de ser a figura central, sua leitura também deixa de ser a única permitida como possível. Sua voz é apenas mais uma entre outras vozes, uma voz que precisa saber mediar, respeitar e escutar, uma voz que precisa saber ensinar o grupo a escutar e respeitar o outro. Portanto, seu papel continua sendo sumamente importante, talvez até mais importante, já que, como mediador, ele coordena a discussão e deve estar preparado para enfrentar possíveis situações conflituosas e para intervir quando necessário.

Para que a leitura do texto literário seja ao mesmo tempo agradável, interessante e instrutiva, devemos saber escolhê-lo. Na realidade, são muitos os requisitos necessários para uma boa escolha, o primeiro está centrado no nível lingüístico da turma, já que falamos de literatura em sala de línguas estrangeiras, uma vez que um texto de difícil compreensão pode causar um

sentimento de frustração em um grupo que ainda não domina estruturas mais complexas da língua que está estudando. Porém, o professor não deve subestimar a capacidade de compreensão dos seus alunos e levar para sua sala de aula um texto fácil, no que diz respeito à estrutura e ao vocabulário, mas que não acrescenta nada, seja do ponto de vista linguístico ou intelectual e afetivo.

Outro requisito não menos importante diz respeito aos interesses da turma. Escolher um texto que responda a esses interesses é fundamental para criar um vínculo afetivo entre o aluno/leitor e o texto lido. Por outro lado, o professor não deve prender-se a esse requisito, uma vez que corre o risco de não provocar o efeito de abertura que falamos anteriormente, ou seja, corre o risco de escolher um texto que nada acrescentará. O professor deve saber que o texto literário pode ser um meio de provocar novos interesses, de aguçar a curiosidade e de instigar à descoberta de novos sentidos.

Nesse processo, ainda há outro aspecto que o professor deve levar em conta: sua escolha deve estar de acordo com seus propósitos didáticos e com o assunto que está sendo abordado na aula para que a leitura de literatura não pareça ser um apêndice, utilizada apenas para preencher espaços vazios e que, portanto, não tem relação alguma com o contexto da aula. O texto literário deve estar integrado aos demais assuntos, o que torna essa escolha uma tarefa ainda mais difícil e desafiadora, pois requer tempo e dedicação do professor.

Neste último requisito, apontamos um ponto a favor do texto literário, uma vez que este se presta a diversas interpretações e podem apresentar diversos temas que, por sua vez, se articulam com outras áreas do conhecimento, tais como história, geografia, etc., ou com outras artes, como o cinema, teatro e artes plásticas. Portanto, ao trabalhar com leitura literária, podemos abordar temas variados, os conhecidos temas transversais. Lembramos que trabalhar com temas transversais é um dos objetivos presentes nos documentos oficiais do MEC (PCN, 1998, p. 43) quando trata do ensino de línguas estrangeiras.

Sabemos que esses documentos oficiais, tais como: os *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua estrangeira (1998) e o *PCN+ Ensino Médio*. Orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Vol. Linguagens, códigos e suas tecnologias (2002), além de ressaltar o ensino de línguas vinculado com temas transversais, privilegiam a leitura e interpretação de textos que funcionaria, por um lado, como motivador de discussão e interação entre os alunos, e, por outro, como ponto de partida para a produção escrita. Observamos também que tais documentos outorgam uma importância vital à leitura em língua estrangeira uma vez que está associada ao letramento do aluno em um sentido mais amplo, integrada à formação do leitor e à formação do cidadão (PCN, 1998, p. 20).

Apesar de os documentos citados não tratarem especificamente da leitura do texto literário, acreditamos que trabalhar com literatura na sala de aula de línguas estrangeiras parece não estar em desacordo com os objetivos presentes nesses documentos. Nossa proposta é trabalhar com a literatura focando seus aspectos socializantes e *humanizadores*, no sentido atribuído por Candido (op. cit.), fornecendo meios para que o aluno conheça, opine e discuta sobre temas linguísticos, históricos, sociais e culturais dos países que falam o idioma que estão estudando.

Colocar o texto literário em um lugar central na sala de aula e não como atividade extra ou secundária, é bastante pertinente, porque vem a coadunar com os propósitos do ensino de línguas estrangeiras. Além de provocar o debate, dando a oportunidade ao aluno de verbalizar seu pensamento e entendimento da palavra escrita, a leitura de obras literárias também pode promover a produção de outros textos, servindo de ponto de partida para o trabalho de escrita, integrando, deste modo, a leitura com a oralidade (compreensão e expressão) e a escrita, considerados os pilares do ensino de uma língua estrangeira.

Por todos os motivos aqui expostos, só nos resta ainda afirmar que a leitura literária só traz benefícios para a aula de línguas estrangeiras, pois além de aproximar o aluno do objeto de estudo, promovendo um vínculo afetivo que certamente facilitará a aprendizagem, proporciona uma melhor interação

entre os alunos e entre os alunos e o professor. A leitura de literatura desenvolve a consciência crítica do aluno, não só com relação aos temas presentes no texto, como também com relação à linguagem, já que lhe dá a oportunidade de entrar em contato com uma forma de expressão que pode ser representativa de um lugar ou de uma época. A leitura do texto literário aciona a imaginação do aluno, desperta sua curiosidade, amplia sua visão de mundo. Por tudo isso, acreditamos que é fundamental sua presença na sala de aula de línguas estrangeiras.

5 Palavras finais

Como dissemos antes, incentivar a leitura literária na sala de aula de línguas estrangeiras não é uma proposta sem sentido, além das vantagens citadas ao longo deste texto, principalmente no que diz respeito a sua função socializante e *humanizadora*, acreditamos que essa leitura pode ser um meio eficaz de aprendizagem, mas para isso é necessário que o professor consiga desconstruir a imagem do texto literário como algo inacessível e desperte no aluno o desejo de buscar outros textos. Sabemos que é importante que o aluno, principalmente o de língua estrangeira, busque, por seus próprios meios, seu caminho pessoal de aprendizado extra-sala de aula, quem sabe ele não encontre este caminho na literatura?

É comum escutar comentários que sustentam a impossibilidade de despertar o gosto pela leitura de literatura em alunos que não conseguiram formar este hábito desde cedo, nos primeiros anos escolares. Porém, ousamos discordar dessa ideia quando, baseada na nossa experiência como professora de literatura, nos deparamos com depoimentos de alunos de línguas estrangeiras que afirmam haver encontrado na literatura uma motivação para estudar e aprofundar seus conhecimentos de língua. Por esse motivo, acreditamos que ainda há tempo para conquistar leitores, mas para isso é necessário saber explorar as potencialidades do texto, permitindo que o aluno/leitor participe da leitura e se sinta à vontade para partilhar suas impressões e seus sentimentos, e fazer da leitura uma *experiência*, no sentido atribuído por Kramer (2010):

> Leitura como experiência (na escola, na sala de aula ou fora dela) acontece nos momentos em que o lido se enraíza naqueles que leem e também quando os textos são comentados com os outros, na troca, no elogio, na crítica, no relato, em situações nas quais se fala de livros e de histórias, contos poemas ou personagens, compartilhando sentimentos e reflexões, plantando no ouvinte a coisa narrada, criando um solo comum de interlocutores. O que faz da leitura uma experiência é entrar nessa corrente em que há partilha, e tanto quem lê

> quanto quem propiciou a leitura ao escrever aprendem, crescem, são desafiados, alterados. (KRAMER, op. cit., p. 115).

A leitura de literatura, assim entendida, é uma experiência boa, agradável e enriquecedora, uma experiência como meio de socialização que aproxima as pessoas, tornando-as mais sensíveis às questões do outro e, portanto, mais *humanas*.

É redundante dizer aqui que ler literatura é essencial nas nossas vidas, pois ela nos dá a oportunidade de sonhar, de visitar lugares distantes, de viajar a tempos passados ou de imaginar como será o futuro. Ela enriquece a nossa visão de mundo e nos ajuda a compreender melhor a vida, o outro e nós mesmos. Talvez a literatura não seja capaz de transformar o mundo, mas estamos certos que ela pode mudar o mundo do leitor.

Referências

BRAIT, Beth. *Literatura e outras linguagens*. São Paulo: Contexto, 2010.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua estrangeira. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. *PCN+ Ensino Médio*. Orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Vol. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/ Semtec, 2002.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Duas cidades, 2004, p. 196-191.

CHIAMA DE JONES, María Cristina. *¿Cómo leemos literatura en el aula? Estrategias para la promoción de la lectura*. Buenos Aires: Biblos, 2010.

FERRARI, Andrea. La literatura infantil-juvenil y su presencia en la escuela. In: *XVI Seminario de dificultades específicas para la enseñanza del español a luso hablantes: "Cuando despertó, el cuento todavía estaba allí". Cuentos y relatos en el aula de ELE*. São Paulo: Educacion.es, 2008, p. 09-18.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 2006.

KRAMER, Sonia. Leitura literária, escrita e formação de professores: aprendendo com Monteiro Lobato. In: DAUSTER, Tânia; FERREIRA, Lucelena. *Por que ler?* Rio de Janeiro: Lamparina, 2010, p. 111-136.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2000.

LEITE, Ligia Chiappini M. *A invasão da catedral. Literatura e ensino em debate*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

ZILBERMAN, Regina. Literatura, escola e leitura. In: SANTOS, Josalba Fabiana dos; OLIVEIRA, Luiz Eduardo. *Literatura & Ensino*. Maceió: Edufal, 2008, p. 45-60.